

TODAS AS FAMÍLIAS FELIZES



MIGUEL D'ALTE



Este livro deve ser lido como uma obra de ficção,
ainda que alguns lugares existam e possam ser reconhecidos.
O autor não pretende reproduzir os trâmites legais
das forças de autoridade ou entidades jurídicas.

Para a Sara, a minha maior aventura.

Para o Frederico, a nossa.

To realize that all your life — you know, all your love, all your hate, all your memory, all your pain — it was all the same thing. It was all the same dream. A dream that you had inside a locked room. A dream about being a person. And like a lot of dreams, there's a monster at the end of it.

RUSTIN COHLE, *True Detective* (2014)

Segunda-feira, 5 de novembro de 2012

NOITE DO DESAPARECIMENTO

Quando o telefone tocou eram quase 23 horas. Chovia. O som ecoou no átrio mal iluminado e sujo da esquadra e assustou o agente que dormitava sentado atrás do balcão. Pegou no auscultador:

— Polícia de Segurança Pública, fala o agente Ramiro Conceição.

— Estou? — ouviu do outro lado da linha, num grito ansioso. — A minha filha desapareceu. Por favor, é urgente!

— Qual é o seu nome?

— Armindo Paixão.

— E o da sua filha?

— Clara. Clara Paixão.

— Que idade tem?

— Doze anos.

O agente escreveu as informações no bloco de notas pousado à sua frente. Olhou para o relógio: 22h51.

— Como sabe que ela desapareceu?

— Não voltou para casa depois do treino na escola, como é hábito. Já a procurei por todo o lado. Não há rasto dela em lado nenhum. Acho que pode ter sido raptada.

— Calma, não vamos tirar conclusões precipitadas. Quando foi a última vez que a viu?

— Esta manhã, antes de ela ir para a escola.

— E a que horas era suposto ter regressado?

— Pelas 20 horas.

— Não poderá estar em casa de uma amiga?

— Não, ninguém sabe dela. Já lhe disse que a procurei em todo o lado! Algo se passou!

O agente suspirou e calou-se por um instante.

— Nestas situações é preciso manter a calma. Vou enviar uma viatura. Qual é a sua morada?

Foi com este telefonema que o caso Clara Paixão começou.

Excerto do livro O Caso Clara Paixão, por Ademar Leal

«Ainda hoje, quando olho para trás, para o que aconteceu, sinto os pulmões mirrarem e não consigo respirar, uma inquietação agonizante, a náusea das tragédias. Há algo em nós que nunca regressa de uma investigação assim, que morre, que desaparece, como desapareceu Clara Paixão.

Nunca pensei que voltaria a escrever um livro de investigação, mas sinto que o público merece saber a verdade sobre o que aconteceu. Trazer luz às trevas. Sempre recusei escrever sobre os crimes do verão de 1985, na Ilha do Poço Negro, recusei-o durante meses — uma investigação demasiado pessoal para ser passada para o papel —, porém, este caso é diferente, pelos terríveis acontecimentos que descreverei nestas páginas e que o público querará ver esclarecidos.

Na noite de 5 de novembro de 2012, na zona de Aldoar, no Porto, Clara Paixão saiu da escola e nunca mais foi vista. Foi de imediato lançada uma investigação. “Ela não fugiu, tenho a certeza”, disse o pai, na altura, aos jornalistas que o esperavam à porta de casa. Mas era apenas o início de algo muito mais chocante, um caso que abalaria o país.

Considero que, para sermos bons jornalistas de investigação, não devemos julgar, mas nada é mais vil e doentio do que isto: matar a própria filha.

Tudo se passou como relato a seguir.»

PRIMEIRA PARTE

1

Domingo, 4 de novembro de 2012

VÉSPERA DO DESAPARECIMENTO

Ao início da noite, um nevoeiro pesado caíra sobre a ilha e envolvera-a como a morte envolve os enfermos. Tudo à minha volta era pouco mais do que sombra. Os caminhos estavam enlameados e abriam pelo meio dos campos gelados, caídos na escuridão. Olhei para os meus sapatos sujos e velhos e pensei que tinha de comprar uns novos. Continuei a andar, regressava a casa, saíra para fazer uma caminhada até ao farol, no sul da ilha, trinta e poucos minutos de ida e outros tantos de volta, num passo ritmado. O negrume das vagas, o gemido do vento, o frio cortante salpicado de sal.

Depois de todo o aparato em volta da resolução do caso dos crimes do verão de 1985 — um mês e pouco antes —, pensara em sair da ilha e vender a casa onde vivia, herdada dos meus pais. Regressar a Lisboa. O meu nome voltara à ribalta dez anos depois, tal como eu almejava ao mergulhar no tempo, até 1985. Fizera inclusivamente capa de várias publicações de renome, obtendo de novo a legitimação dos meus pares. *Sozinho contra todos, o jornalista Ademar Leal desvenda o inferno*. Recebera várias propostas de emprego — algumas delas muito tentadoras —, porém, mesmo depois de já ter contactado agentes imobiliários, decidira afinal permanecer na Ilha do Poço Negro. Achava que não conseguiria sobreviver a Lisboa, tinha medo de voltar à cidade — ao sufoco das multidões, ao ritmo doentio das avenidas, ao cheiro acre dos canos de escape —, e, principalmente, de falhar de novo, tal como em 2002, quando a investigação que me tornara um

dos jornalistas mais respeitados do país fora também a minha desgraça, uma rampa demasiado íngreme por onde escorregara sem piedade durante a década seguinte, até regressar à ilha, em maio passado, sem nada, exceto um carro carregado de tralha inútil. Por isso, inseguro e assustado — esmagado pela ideia de que a vida se resumia a uma causa perdida, corroída de tempos a tempos por um idealismo fugaz —, acabara por rejeitar todas as propostas para voltar ao ativo. Mas isso fora semanas antes. Aos poucos, os dias tinham começado a ficar mais curtos e a ilha vazia — o ritual de passagem para o inverno —, os veraneantes partiram e não voltaram, os emigrantes fizeram-se à estrada, era fácil sentir-me solitário e abandonado naquele pedaço de terra esquecido ao largo de Lisboa. E até arrependido. O fardo dos dias inteiros e das noites longas.

Como se fugisse, acelerei o passo até chegar à povoação e não pude deixar de reparar na beleza da vila velha. As casas estavam afogadas na neblina, as fissuras nas paredes, os telhados húmidos, tudo parecia distante e inacessível para lá dos portões fechados. Não se via vivalma, apenas o vapor da minha respiração me acompanhava. As persianas estavam corridas, as chaminés fumegantes faziam adivinhar as famílias à volta da lareira, as roupas quentes, o consolo do sabor de leite com mel e papos-secos carregados de manteiga.

Dei a volta pela praça central — a Praça da Figueira —, iluminada pelos candeeiros de uma luz amarela fantasmagórica, com os seus bancos de madeira, e dirigi-me para norte, na direção do bairro residencial onde vivia. Ouvia os meus passos na rua deserta, atenuados pelas folhas que se colavam às solas, vítimas do outono. A respiração acelerada do esforço; passei a mão pelo rosto e senti-o velho, a barba por fazer, a preocupação nas rugas da testa. E vi finalmente a casa lá ao fundo — a janela da sala deixava transpirar a luz fulva do candeeiro de canto que ficara ligado —, esmagada entre outras duas, quase idênticas, mas devolutas, pois

os proprietários tinham morrido havia muitos anos e os herdeiros nunca se tinham entendido com as partilhas.

Fechei a porta atrás de mim, descalcei-me e despi o casaco. Só depois servi um copo de uísque e tirei um cigarro do maço que tinha deixado na mesa da sala. Sentei-me, finalmente, no sofá vermelho onde por vezes adormecia. Senti os pés na carpete poeirenta, pessoas e lugares desaparecidos fitavam-me nas molduras que decoravam as paredes. Na mesa de centro, tinha pousado um velho gira-discos que encontrara na garagem, juntamente com um saco de discos do meu pai. Olhei em volta, absorvi a música, e soprei o fumo na sala vazia, caída na penumbra dourada.

Recordei um serão de há quase quarenta anos — teria uns dez anos —, uma panela com furos pousada nas brasas, a minha mãe a dar cortes nas castanhas com um xaile de lã sobre as costas, o meu pai a ressonar baixinho no sofá, depois do jantar. Fui invadido por um sentimento quente, provavelmente um resquício de saudade. Cerrei os punhos. A constatação da solidão.

Terça-feira, 6 de novembro de 2012

NO DIA SEGUINTE AO DESAPARECIMENTO

Cerca das 6h45

Beatriz acordara cedo, ainda sem saber que tudo começava naquela manhã. Levantava-se quase todos os dias às 6 horas, e saía logo para correr, cerca de quarenta e cinco minutos, no paredão de Matosinhos, frente à praia. Precisava daquilo, de se libertar dos demónios que a perseguiram na noite, os de um mundo que somente ela via. Só depois era capaz de regressar à vida normal e fingir que não vivia mergulhada na depressão desde que o filho de um ano morrera.

Em passo de corrida, enveredou pelas ruelas de Matosinhos e deteve-se à porta do prédio, do início dos anos 2000, onde vivia. O apartamento estava arrendado há cerca de meio ano, logo depois de se divorciar. Alongou durante uns minutos, o cabelo preso no alto da cabeça, a roupa justa ao corpo magro. Os carros começavam a encher as ruas, os faróis iluminavam-na de passagem. Mais um dia, rotinas, crimes, o odor dos contentores de lixo a transbordar.

Nesse momento, o telemóvel tocou, assustando-a. Olhou para o ecrã e atendeu, apreensiva. Aquele toque nunca trazia nada de bom. Ouviu com atenção e desligou, as mãos começaram a tremer-lhe. De repente, estava já atrasada. Subiu a escada a correr e dirigiu-se para a casa de banho.

— Bom dia para ti também — disse-lhe Miguel, o namorado, em tom azedo. Passava cada vez mais noites em casa dela, apesar de não viverem oficialmente juntos. Beatriz não sabia como se sentia

acerca disso, mas tudo acontecera muito depressa: de repente, ele estava ali.

— Tenho de ir — desculpou-se. — Ligaram-me da brigada. Uma menor desapareceu ontem à noite e ainda não foi encontrada — explicou, enquanto se despia, a porta aberta para se conseguir fazer ouvir por cima da água que corria na banheira.

Vinte minutos depois, estava pronta. O pressentimento de que algo mudaria com aquele caso. Na cozinha, bebeu meio iogurte líquido e meteu uma banana no bolso do casaco. A ansiedade invadia-a, turvava-lhe a visão, casos com crianças causavam-lhe sempre aquilo. Despediu-se de Miguel, um beijo leve na boca, uma corrida até à porta. A cabeça noutro lugar. Já não o ouviu reclamar daquela pressa toda, «A que horas chegas logo? Queres que fique para dormir? Estás a ouvir?», Miguel ouviu a porta bater como resposta.

Cerca das 7h30

Beatriz ainda não tinha muitos pormenores sobre o caso de Clara Paixão, sabia apenas que a PSP comunicara, de madrugada, o desaparecimento de uma menor, após as primeiras averiguações. A caminho do local do desaparecimento, apanhou o seu colega, o inspetor Jaime Ferreira, em casa, na zona de Aldoar. Buzinou ao estacionar à porta do prédio e esperou. Cinco minutos depois, com o casaco vestido à pressa, Jaime apareceu, meio curvado para se proteger do frio, as olheiras visíveis no rosto chupado. Tinha quase cinquenta anos e era inspetor há mais de duas décadas.

Quando começaram a trabalhar juntos — há dois meses, no início de setembro, após regressar de baixa e ser transferida para uma nova brigada —, Beatriz achava que teria muito a aprender com ele. No entanto, ao fim de um par de semanas, percebera que se iludira. Jaime era de uma outra geração de inspetores, rapidamente se revelara distante e pouco cooperante, impaciente. Da primeira vez que tinham investigado um caso juntos — um

atropelamento e fuga, que resultara na morte de um homem de meia-idade —, chegados ao local do acidente, Beatriz perguntara-lhe, mais por cortesia do que por insegurança:

— O que esperas de mim numa situação destas?

— Que me observes e fiques calada — respondera, sem sequer olhar para ela, e Beatriz percebera com o que podia contar.

A relação pouco melhorara desde esse episódio. Ele esquecia-se de partilhar pormenores das investigações, aparecia carrancudo de manhã, e, tal como muitos dentro das forças de segurança, era machista e tratava-a com condescendência por ser mulher e jovem. Como Beatriz passara um ano de baixa, a sua situação era ainda mais vulnerável: a fraqueza não era permitida naquele ambiente dominado por homens mais velhos. Porém, apesar de tudo, Beatriz conseguia perceber que Jaime era um inspetor razoavelmente competente, respeitado pelas chefias por conseguir resultados e que aquela fachada agressiva servia, na realidade, para esconder inseguranças, um casamento sem fulgor e até um certo comodismo.

— Porque demoraste tanto? — perguntou, mal-humorado, ao entrar no carro. — Estás atrasada. A sorte é que a casa da família Paixão não fica longe daqui. Eu indico-te o caminho, conheço bem a zona. Segues sempre em frente e viras à esquerda, logo a seguir à Escola Manoel de Oliveira, para a Rua da Vilarinha. É o número 116. Lá para baixo.

Beatriz ignorou-o. Ao volante do *Peugeot* descaracterizado, seguiu rua fora. Aproveitou para perguntar:

— O que é que já sabes sobre o caso?

O inspetor Jaime Ferreira suspirou e tirou o bloco de notas do bolso.

— Não muito, apenas o que o serviço de piquete transmitiu. A miúda tem doze anos e não voltou para casa depois da escola, como é habitual. Costuma vir a pé, são dez minutos, mas o pai diz que pode ter feito dois caminhos, sendo que um deles

é isolado e passa pela zona de um cemitério, deserta depois de anoitecer. O pai ligou para a esquadra cerca das 23 horas, depois de a procurar durante algum tempo. A PSP fez buscas nas imediações da casa durante a noite e passaram a descrição da Clara a todas as patrulhas e hospitais: um metro e quarenta e cinco de altura, caucasiana, vestia um fato de treino cor-de-rosa-claro e um casaco de chuva azul-escuro. É tudo o que sei.

Viraram à esquerda uma centena de metros depois da escola, a mesma que Clara Paixão frequentava, e Beatriz conduziu pela rua estreita e comprida até ao número 116. Dois carros-patrulha haviam estacionado defronte do portão, em cima do passeio. A porta de casa estava aberta e viram um agente no alpendre. Beatriz estacionou com dificuldade, e saíram do carro com um ar grave. O frio cortou-lhes a pele. Um primeiro reconhecimento do que os rodeava, era assim que começavam a formar uma ideia do que iriam encontrar, as condições económicas da família, o meio social em que se moviam.

Entraram no jardim e mostraram as identificações ao agente.

— O pai está lá dentro à vossa espera — informou.

— Cortem os acessos a esta rua — pediu o inspetor Jaime Ferreira, ríspido, e o agente assentiu, cedendo-lhes a passagem.

A casa estava gelada, pelo que não tiraram os casacos. A impressão que Beatriz teve foi a de que esta já deveria ter visto melhores dias. Cheirava mal, a lixo e a suor; viram vários objetos fora do sítio; não era a casa de pessoas arrumadas ou com gosto. Passaram para a sala, onde o pai de Clara Paixão os aguardava. Outro agente encontrava-se sentado no sofá. Levantou-se quando entraram.

— Deixa-me orientar a conversa — pediu o inspetor, em voz baixa, a Beatriz. Sem esperar pela resposta apresentou-os, exibindo os cartões profissionais: — Inspetor Jaime Ferreira, da Polícia Judiciária. Esta é a minha parceira, a inspetora Beatriz Peixoto.

— Bom dia, inspetores — cumprimentou o agente.

— Sou o pai da Clara. Armindo Paixão. Sentem-se — pediu, ansioso, a voz embargada.

Os inspetores obedeceram.

— O que faz, senhor Armindo?

— Sou jornalista. Estou desempregado há uns anos. Escrevo artigos quando calha alguém pedir-me alguma coisa, faço investigações por minha conta, que depois tento vender às redações... E também uns biscates por aí.

— Que tipo de biscates? — o inspetor Jaime Ferreira ergueu o sobrolho.

— Alguns trabalhos... por fora. Dou uma mão na cozinha de um restaurante... Isto está muito mau para trabalhar. Tenho feito o que posso, mas na minha idade e com a crise... Olhem para ali — pediu, apontando para uma estante vazia —, no mês passado, fui obrigado a vender a minha coleção de clássicos.

Enquanto o colega interrogava o pai de Clara, Beatriz alheou-se da conversa. Varreu a sala com o olhar. As persianas haviam sido corridas até meio, a divisão não tinha muita luz, e as lâmpadas estavam empoeiradas. Os móveis eram velhos e maciços, em madeira escura, ultrapassados; num canto, repousava uma secretária com um computador com uns dez anos. A carpete parecia ter pó e cobria o chão em tijoleira bege, as paredes estavam enegrecidas nos cantos. Na mesa de jantar, um prato com um pão meio comido, várias chávenas de café, um cinzeiro a transbordar. Não havia fotografias na casa. Nada tinha que ver com o seu apartamento, não com este onde vivia agora, mas com o que arrendara com o ex-marido, Valentim, quando engravidara e decidiram morar juntos para constituir família. Então, a voz do pai sobrepôs-se aos seus pensamentos lúgubres. Armindo acendia um cigarro, nervoso.

— Era suposto a Clara ter voltado para casa depois da escola. Às segundas-feiras, tem treino de basquetebol. Acaba por volta

das 19h30 e costuma vir a pé. São dez minutos, mais ou menos, é só descer a rua desde o cruzamento lá em cima, por onde devem ter vindo — e apontou para a frente da casa. — Como ela nunca mais vinha, fui procurá-la. Talvez o treino tivesse acabado mais tarde. Mas encontrei o pavilhão trancado e as luzes apagadas. Falei com uma empregada, que me disse que já tinham saído todos há algum tempo.

— O que fez depois? Pelo que nos disseram, andou à procura dela.

Ele aquiesceu. Coçou a cabeça.

— Há um outro caminho para casa, uma espécie de atalho, que permite poupar um par de minutos, mas é isolado. Corta pelo meio de uns prédios e depois tem de se caminhar por um carreiro até à zona do cemitério do bairro. Essa área está deserta à noite. Ela sabe que é perigoso vir por ali depois de anoitecer e de o cemitério fechar, avisei-a várias vezes. Mas ela é... Tem esse lado rebelde. Não sei se foi por aí — explicou. — Quando voltei para casa, liguei para o professor que dá o treino. Disse-me que ela tinha sido uma das últimas a sair do balneário, por volta das 19h40. Cerca de dez minutos mais tarde, viu-a no portão. Estava com uma amiga, a Ana Rita. Também faz parte da equipa, e são melhores amigas. Então, liguei à mãe dela. A Ana Rita disse que a Clara esperou que a mãe dela chegasse. Despediram-se no portão.

— A miúda disse para que lado a Clara foi?

— Não. A mãe arrancou logo e ela ficou a acenar no passeio. Pode ter ido para qualquer um dos lados, o caminho habitual ou o mais isolado. Pelo que percebi, foram as últimas pessoas a vê-la.

— E a seguir?

— Andei por aí pelo bairro, fiz os dois trajetos várias vezes, procurei bem nessa zona do carreiro e entre os arbustos. Depois, liguei a outras amigas da Clara e nada. Ninguém a viu. E como nunca mais aparecia, percebi que algo devia ter acontecido.

Liguei para a esquadra, veio um carro-patrulha, andaram por aí às voltas a noite toda, mas não encontraram nada, nem um sinal dela, uma peça de roupa, a mochila, nada. Disseram que iria aparecer de certeza, coisas da idade... Eu disse-lhes que deviam ter-vos chamado logo. Apesar da sua rebeldia... a morte da mãe revoltou-a muito... a Clara é muito carente, não desapareceria de livre vontade — concluiu, visivelmente angustiado.

— Lamento. Não sabia que era viúvo. Há quanto tempo é que a sua mulher morreu?

— Há três anos. Cancro do pâncreas. A Clara só me tem a mim. E eu a ela.

— Suponho que a Clara não tenha telemóvel.

— Não.

— Quando foi a última vez que a viu?

— Ontem, antes de ir para a escola. Foi uma manhã normal. Acordei-a, tomou o pequeno-almoço, saiu pelas 8 horas.

— Almoçou na escola?

— Sim, almoça sempre. É mais barato.

Seguiu-se um breve silêncio. Por fim, Beatriz perguntou:

— A Clara tem namorado?

Armindo abanou a cabeça em negação.

— Que eu saiba, não. E ela só tem doze anos. Sabe lá o que é isso.

— Ficaria surpreso com algumas coisas que já vimos — comentou o inspetor Jaime Ferreira. — Tem uma fotografia da Clara?

Armindo enfiou a mão no bolso e tirou da carteira uma fotografia tipo passe. Os inspetores notaram que lhe faltava o dedo min-dinho, mas não fizeram comentários. Jaime pegou na fotografia, colocou-a dentro do bloco de notas e fechou-o. Humedeceu os lábios, num compasso de espera.

— Vou pedir aos agentes para se deslocarem à escola. A que horas é que a Clara teria aulas hoje?

— Daqui a quarenta e cinco minutos — respondeu Armindo, consultando o relógio de pulso, um *Casio* com o visor rachado, notou Beatriz.

— Prontos... Pode ser que ela apareça e que tudo isto seja apenas um equívoco. Nestas idades... Talvez tenha dormido em casa de uma amiga que não conhece. Eu sei que está preocupado, mas isto pode não passar de um mal-entendido — atirou Jaime.

— Já lhes disse que algo aconteceu! — irritou-se Armindo. — Têm de me levar a sério, senhores inspetores! Sou jornalista, sei o que acontece no mundo real. Isto é o mundo real.

— E vamos fazê-lo — assegurou Beatriz, conciliadora. — Vamos analisar o quarto da Clara, procurar pistas sobre onde poderá estar. Suponho que tenhamos a sua autorização. — Ele confirmou. — Garanto-lhe que vamos investigar todas as possibilidades. — Levantou-se, ansiosa por imitá-lo e fumar um cigarro, libertar-se daquele aperto no peito que antecede as desgraças.

Caminhou até ao jardim da frente da casa, deixando-os sozinhos. Deu as instruções ao agente da PSP, que as confirmou com um aceno de cabeça.

— Ligue-me se encontrarem a mínima pista sobre o seu paradeiro — pediu, entregando-lhe um cartão com o seu contacto.

O agente chamou um colega, e saíram apressados. O inspetor Jaime Ferreira juntou-se a ela.

— O que achaste da conversa, Jaime?

O colega passou a mão no cabelo grisalho antes de responder:

— Não sei. É muito cedo para dizer se foi raptada ou se desapareceu por vontade própria. Mas é só uma miúda, duvido que desaparecesse assim, não? Tenho um mau pressentimento. Vou solicitar reforços para passar a casa e as redondezas a pente fino. Quero fotografias do dia de hoje, da moradia, das ruas aqui à volta, até do que as pessoas têm vestido. Todos os pormenores podem ser importantes. — Fez uma pausa. Olhou para os dois lados da rua, acendeu um cigarro. — Há aqui várias linhas de

investigação: esta zona é perigosa depois do anoitecer, tem vários bairros sociais próximos, prostituição, tráfico de droga, criminalidade violenta... Temos de manter todas as hipóteses em aberto.

Sorveu mais um bocado do cigarro. Retirou de dentro do bloco de notas a fotografia de Clara. O rosto infantil, o cabelo encaracolado, o olhar desafiador, mas carinhoso, de quem ainda tem muito para viver. Engoliu em seco e atirou o cigarro para o chão, ainda a meio, subitamente apressado, como se não houvesse tempo a perder.

— Vamos entrar.

3

Terça-feira, 6 de novembro de 2012

NO DIA SEGUINTE AO DESAPARECIMENTO

A essa mesma hora, eu estava a chegar a casa, na Ilha do Poço Negro — terra de pescadores e gentes humildes, com o sal e a maresia no sotaque, localizada no oceano Atlântico, a vinte e cinco quilómetros da costa, onde lisboetas ricos passavam férias ou vinham de ferry, de Lisboa, ao fim de semana, comer peixe fresco no restaurante sobre a praia. Nascera ali, filho único de uma família de classe média e fizera os meus estudos na capital. O meu pai era carpinteiro, o único da ilha, e, por isso, nunca lhe faltara trabalho. A minha mãe cuidara da casa a vida toda. Ambos tinham morrido havia muito, no início da década de 1990, uns anos depois de eu sair de casa, em 1986, no rescaldo dos acontecimentos dramáticos do verão de 1985 na ilha, para seguir a pulsão de me tornar um jornalista de renome. Desde a morte deles, a casa ficara desabitada e fora-se deteriorando progressivamente, apesar dos cuidados de uma vizinha, entretanto falecida. Até que, há uns meses, eu regressara — vinte e sete anos depois —, desempregado e falido, para ali voltar a encontrar refúgio.

Saíra de manhã cedo para correr. Era o meu novo hábito matinal. Fizera recentemente análises ao sangue e uma ecografia abdominal, e fora-me diagnosticada esteatose hepática moderada.

— Por outras palavras, tem o fígado gordo. Veja aqui, senhor Ademar! — pedira o médico e apontara para um ecrã. — O fígado está demasiado claro.

— O que quer dizer?

— Que tem de cortar no álcool, nas gorduras saturadas, nos açúcares. O açúcar é terrível para a saúde. E fazer mais desporto, claro.

— Estou a ver...

— E deixar de fumar. Consome bebidas alcoólicas?

— Sim.

— Com que regularidade?

— Demasiada.

— Tem de cortar.

— Cortar? E se não fizer isso?

— A situação vai piorar.

Desde então, em vez de ficar na cama, insone, a fitar o teto, corria três ou quatro vezes por semana, ao longo da praia, perdido em pensamentos, às primeiras horas da manhã, a barriga flácida a abanar dentro da camisola justa, as algas agitando-se com a maré. Parecia que ainda não estava pronto para morrer. Com a prática, corria distâncias cada vez maiores, já conseguia ir até ao afunilamento do areal, onde as rochas começavam a ser engolidas pelo oceano, e não tinha de parar a cada quilómetro para recuperar o fôlego.

Abrandei ao entrar na rua onde morava e detive-me em frente ao portão. Agarrei-me ao ferro frio, ofegante, e um gato escanzelado fugiu pelo jardim. Invariavelmente, os joelhos doíam-me no fim da corrida devido ao excesso de peso. A custo, subi a escada e entrei em casa. Transpirado, preparei um café forte e procurei o maço de tabaco. Fechei os olhos ao sorver o cigarro. Soube-me pela vida. Foi então que o telefone tocou.

— Estou?

— Ademar Leal?

— É o próprio — respondi.

— Fala a Ana Cavaco.

— Quem?

— Ana Cavaco. Da Editora Mercador — explicou a voz, o tom excitado.

Fiquei uns segundos em silêncio. Ouvi do outro lado da linha:

— Está aí?

Lembrava-me dela, apesar dos anos. Fora a editora do meu livro de investigação, sobre a peça que coroara 2002, a que denunciara a rede de pedofilia e me tornara famoso. Após a investigação jornalística que durara cerca de dois anos e levava nomes proeminentes ao banco dos réus, publicara um livro com todos os detalhes sobre o caso, exagerando em alguns, principalmente nos aspetos heroicos. Tinha vivido os melhores anos da minha vida e não suspeitava ainda de que a minha carreira cairia em desgraça, como ruíram todos os grandes impérios do passado. Correria atrás do êxito e, a dado momento, vira-me num pedestal, esmagado pela celebridade, desconcentrado, sem mais nada para atingir; nada me interessava, não esperava o que quer que fosse de ninguém. Importa também relembrar que começara a receber ameaças e não conseguira lidar com toda aquela pressão, nem com o que esperavam de mim a partir dali. Nunca mais me entreguei a nenhuma investigação com o fervor que me caracterizava. O deserto do sucesso.

— Ainda estou aqui... — hesitei.

— Agora sou diretora editorial e queria falar consigo sobre um novo projeto muito aliciante.

— Que projeto?

— Sobre o caso recente, claro. Os crimes do verão de 1985.

— É público que não estou interessado em falar disso. É escusado ligar-me e...

— Tenho uma excelente proposta para si — interrompeu-me, decidida. — Já trabalhámos juntos. Sei do que o Ademar gosta e o que odeia. Não tem nada a perder em vir à reunião. Tenho a certeza de que o vou convencer quando vir os valores de que estamos a falar.

— Eu...

— Esperamos por si esta tarde. Depois do almoço, sim? — perguntou, e eu lá me ouvi a concordar, numa voz que não era a minha, mas a de um covarde narcisista e falido, que ainda gostava de se sentir importante.

— Porra — disse, quando pousei o telefone no descanso.
— Porra, Ademar! És sempre o mesmo.

UM DESAPARECIMENTO MISTERIOSO. DOIS INSPETORES À PROCURA DE RESPOSTAS. VÁRIOS SUSPEITOS.

Na noite de 5 de novembro de 2012, na cidade do Porto, Clara Paixão, de 12 anos, desaparece sem deixar rasto no caminho entre a escola e casa. É de imediato lançada uma investigação. Os inspetores Jaime Ferreira e Beatriz Peixoto, da Polícia Judiciária, são chamados ao local e veem-se enredados numa teia de segredos e mentiras.

Entretanto, na isolada Ilha do Poço Negro, o polémico jornalista Ademar Leal vive em penitência. Apesar de estar desempregado, resiste ao convite para escrever um livro sobre a resolução dos crimes do verão de 1985. Com o tempo, porém, os dias tornam-se inteiros e as noites, longas; as suas pulsões perseguem-no. Até que, certa noite, recebe um telefonema perturbador que o obriga a mergulhar no caso mais chocante e macabro da sua carreira.

ONDE ESTÁ CLARA PAIXÃO?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-98-958-9312-6



9 789895 893126